

PARA A HISTÓRIA DA CULTURA  
EM PORTUGAL NO SÉC XVIII

«Oração» de abertura da Academia das Ciências  
de Lisboa do Padre Teodoro de Almeida

por  
EUGÉNIO DOS SANTOS

Não reflecte serenidade nem monotonia o panorama da cultura portuguesa do séc. XVIII. O seu dealbar é marcado pela «guerra surda entre jesuítas e oratorianos»<sup>1</sup> e, ao atingir-se os meados da centúria, o calor da disputa levava ao rubro os espíritos com a polémica verneiana, a questão da gramática latina e a filosofia dos antigos e modernos. As reformas pombalinas e as controvérsias suscitadas pelos estrangeirados preenchem o resto desse polémico e multifacetado final de setecentos.

Dentre as iniciativas mais válidas da época, tanto pelos seus objectivos primordiais como pela repercussão imediata, merece incontestável destaque a criação da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1779, decorrendo, pois, este ano o seu bicentenário. Ela revela um saudável desejo de actualização a todos os níveis e uma inequívoca tentativa de vulgarização entre nós do avanço científico e técnico nos vários ramos do conhecimento, pretendendo os nossos compatriotas pautar-se

---

<sup>1</sup> Cf. J. S. Silva Dias, «Portugal e a Cultura Europeia», in *Biblos*, vol. XXVIII. Coimbra, 1952, p. 345.

pelos modelos europeus em voga <sup>2</sup>. Nela espelha-se à sociedade o ideário das Luzes, bem impresso, aliás, no espírito dos seus fundadores mais destacados o qual foi haurido ou cimentado nas deambulações europeias de muitos deles <sup>3</sup>. Sucedia à Academia de História e compunha-se de três classes: Ciências Naturais, Ciências Exactas e Ciências Morais (Literatura, Belas Letras), encabeçadas respectivamente por Domingos Vandeli, D. João de Almeida Portugal, marquês de Alorna e D. Miguel Lúcio de Portugal e Castro. O seu entusiasta principal e presidente perpétuo era um «espírito liberal; pedreiro livre, amigo de Voltaire» <sup>4</sup> e chamava-se D. João Carlos de Portugal, duque de Lafões. Os outros cargos estavam assim distribuídos: Secretário — Visconde de Barbacena; Vice-Secretário — Abade Correia da Serra; Orador — P.<sup>c</sup> Teodoro de Almeida, da Congregação do Oratório. Militares, nobres, altos dignitários eclesiásticos, lentes, simples clérigos e frades contavam-se entre os aderentes da primeira hora. Elaborados os estatutos, o duque levou-os à presença da Rainha que os aprovou. Várias reuniões

---

<sup>2</sup> Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato (1777-1838), que foi sócio da Academia e seu vice-presidente e procedeu à *Colecção systemática das leis e estatutos por que se tem governado a Academia Real das Sciencias de Lisboa* afirmou acerca dos seus objectivos iniciais: «Huns poucos de homens dotados de grande amor das Sciencias, e de muito zelo pela verdadeira gloria e felicidade da sua Nação, animados por hum Varão illustre, que cultivando as Letras desde os seus primeiros annos, e havendo examinado os progressos que ellas havião feito nas Cidades polidas da Europa, as desejava ver não só restauradas, mas vulgarisadas na sua Pátria, estabelecerão esta Academia das Sciencias, consagrada ao augmento dellas, e à propagação das luzes pelas diversas classes da Sociedade». Cf. Cristovam Ayres, *Para a História da Academia das Sciencias de Lisboa*. Coimbra, 1927, pp. 14-15.

<sup>3</sup> A influência dos estrangeirados, agrupados desde o início «sob o signo da renovação», é preponderante. Cf. Cristovam Ayres, *ob. cit.* e Albino Forjaz Sampaio, *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, vol. III, Lisboa, 1932, pp. 292 e ss. e A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, vol. I, Lisboa, 1972, pp. 550 e ss.

<sup>4</sup> Cristovam Ayres, *ob. cit.*, p. 33.

particulares tiveram lugar antes da sessão pública de abertura, aprazada para mais tarde. Desta agremiação erudita viriam a fazer parte alguns dos maiores expoentes das letras portuguesas dos finais do séc. XVIII, de que nos permitimos citar apenas Fr. Manuel do Cenáculo, António Caetano do Amaral, João Pedro Ribeiro, António Pereira de Figueiredo, tendo assumido a sua vice-presidência homens como o Cardeal Saraiva e Alexandre Herculano.

O nosso intuito, ao escrever as páginas que se seguem, não é, contudo, analisar aqui, mesmo de relance, a influência exercida pela Academia no contexto cultural português dos finais de Setecentos. Queremos, por agora, pôr em destaque algumas facetas, porventura menos conhecidas, do carácter de um dos seus membros da hora do arranque — Teodoro de Almeida — e avaliar da repercussão que causou em certos espíritos contemporâneos o teor da sua «Oração» de abertura, proferida na sessão solene de 4 de Julho de 1780. Sem que o autor, provavelmente, o esperasse ela foi para alguns uma espécie de pedra lançada no charco de águas mornas em que alguns preferiam continuar a viver, ignorando (ou fingindo-o...) aquilo que de mais válido haviam já produzido algumas das mais famosas sociedades científicas europeias<sup>5</sup>. Aglutinando homens de formação muito díspar, de sensibilidades por vezes divergentes<sup>6</sup>, unia-os, contudo, o mesmo objectivo comum: acertar o passo

---

<sup>5</sup> Nelas haviam adquirido justo destaque alguns portugueses de grande craveira científica, como Jacob de Castro Sarmiento, Félix de Avelar Brotero ou António Ribeiro Sanches, com quem Teodoro de Almeida se correspondeu assiduamente durante o exílio.

<sup>6</sup> Bastará proceder a uma simples leitura da lista dos fundadores para disso nos apercebermos. A diferença de personalidades pode imaginar-se se pusermos em paralelo dois dos clérigos fundadores: Teodoro de Almeida e o abade Correia da Serra, por exemplo. Sobre este último, cf. Léon Bourdon, *José Corrêa da Serra. Ambassadeur du Royaume-Uni de Portugal et Brésil A Washington. 1816-1820*. Paris, 1975.

pelo que se fazia então na «França, Itália, Alemanha e Inglaterra»<sup>7</sup>.

Teodoro de Almeida, o orador eleito, aliava à intuição e entusiasmo pelas ciências exactas uma variada e profunda formação humanística e preocupava-se, acima de tudo, em proclamar a Verdade tal como a entendia, mesmo que para isso tivesse que correr riscos iminentes<sup>8</sup>. Habitado a arrostar em silêncio com a incompreensão e a calúnia, dotado de uma notável força de vontade, convencido de que a sessão de abertura da Academia lhe proporcionava o momento azado para tornar público o ideário que ali era indispensável pôr em prática para o «Bem dos Povos», contrariando o que por tal certos homens públicos queriam fazer passar, não hesita. Contra o que era normal em si, é ousado e incisivo<sup>9</sup>. Não se esquecendo de fazer justiça e honrar os antepassados ilustres, mostra-se, ao invés severíssimo para com os seus contemporâneos, escalpelizando tanto os derrotistas que julgam que «somos incapazes de tudo o que he Bom», desmascarando, do mesmo passo, os presunçosos e arrogantes, «porque dizem que sabemos o que nos basta».

Que autoridade para assim falar tinha este filipino humilde e observador, curtido pelas agruras de uma vida errante e atormentada, experiente e de rara sensibilidade na difícil tarefa de conduzir homens<sup>10</sup>, entusiasta e estudioso incansável das

---

<sup>7</sup> Países citados expressamente pelo autor da «Oração».

<sup>8</sup> Um dos seus mais recentes analistas caracteriza sugestivamente a sua piedade como «The Spirituality of Truth». Cf. Fernando Azevedo, *Didaskalia*, V, 1975, p. 105.

<sup>9</sup> Em carta a seu amigo Ribeiro Sanches, em 1774, autodefinia-se como «timido, e irrezoluto no obrar, quando não à uma mão extrinseca que impele, e decide».

<sup>10</sup> Nas suas *Cartas Espirituaes* (Lisboa, 1804) escreveu: «Eu bem vejo que V. Excellencia me consulta, porque ha mais de 60 annos que tenho educado a mocidade, e com bom successo e muita facilidade. Nunca me enfadei com rapazes». Cf. p. 311.

ciências físico-matemáticas, habituado a ter no seu auditório a mais alta hierarquia social do tempo, vulgarizador e filósofo por vocação<sup>11</sup>, pregador de reconhecidos méritos, apologeta sereno e doutrinado ortodoxo, apreciado até pelos seus mais ferozes adversários de religião<sup>12</sup>? Era a que lhe advinha de uma erudição vasta e profunda, metodicamente adquirida<sup>13</sup> e de um passado de luta constante pela liberdade de pensar. Tanto atacara o materialismo filosófico, contrário ao espiritualismo cristão, como o absolutismo régio que conduziria a uma «intolerável servidão» atando os engenhos «de mãos e pés»<sup>14</sup>. Tolerante fora-o sempre, é certo<sup>15</sup>, mas há muito se convencera de que as escolas abertas para a formação dos seus concidadãos redundavam, afinal, num obstáculo ao desenvolvimento do seu engenho e aptidão naturais. Por essa razão lutara desde longa data, batera-se em várias frentes pela causa da ciência experimental, pela reformulação dos programas escolares, quisera, tanto quanto possível, ajudar os vindouros a desentranhar a verdade do seio da natureza<sup>16</sup>. E a inauguração da Academia sob o patrocínio real parecia-lhe o início provável de uma nova era. Um novo horizonte se rasgava às inteligências. O optimismo estalava-lhe por todos os poros, irrompendo em cachão como um hino às potencialidades de todo um povo:

«Nesta corporação, Senhores, não ha de haver membro inútil [...]. Huns preparão as noticias, outros desenterrão mo-

---

<sup>11</sup> A *Recreação Filosófica* (Lisboa: 1751-1799, 10 vols.), foi escrita em português para que as suas ideias pudessem ser facilmente acessíveis ao grande público.

<sup>12</sup> Nomeadamente judeus, calvinistas e jansenistas.

<sup>13</sup> São suas estas palavras: «Eu me vou explicar a meu modo que já sabeis que he methodico». Cf. *Cartas Espirituaes*, cit., p. 11.

<sup>14</sup> Cf. *Recreação Filosófica*. Lisboa, 1758-1800, 2.<sup>a</sup> ed., vol. VII, p. 154.

<sup>15</sup> «Eu não tenho genio duro, nem o meu interior he de páo secco, e duro ...». Cf. *Cartas Espirituaes*, cit., p. 79.

<sup>16</sup> J. S. Silva Dias, *ob. cit.*, p. 431. O prólogo da *Recreação Filosófica* é, a este respeito, uma espécie de manifesto esclarecedor.

numentos, outros examinão os livros, confrontão ediçoens, consultão os originaes: Aqui huns descobrem manuscritos, que outros illustrarão com notas: ali outros os traduzem com gosto, outros os publicão com elegancia. Lá estarão aquelles observando os mineraes, as águas, as plantas, numa palavra a Natureza. Quando da outra parte estão outros tentando experiencias, fazendo observaçoens, imaginando projectos. Aqui se formão e aperfeiçoão os já conhecidos; acolá se verão outros trabalhando com incansável applicação nas Mathematicas e no Calculo; outros fazendo faceis as doutrinas mais espinhosas, e difficeis, semeando na mocidade o gosto, a critica, o desejo de estudar e saber»<sup>17</sup>.

Quando proferia isto o nosso congregado contava 58 anos de idade e uma vastíssima experiência, tendo sido já desprezado, perseguido, caluniado por uns e requestado, acolhido carinhosamente e elevado aos píncaros da fama por outros, dentro e fora da sua pátria. Recordemos alguns dos traços mais marcantes da sua existência<sup>18</sup> já que cada um deles reflecte

---

<sup>17</sup> Cf. *Oração Academica [...] em a Abertura da Academia das Sciencias na tarde do dia 4 de Julho de 1780*. Conhecem-se várias cópias manuscritas, como o m. n.º 782 da B.A.C. (Série Azul) e o da B.P.E. que Cristovam Ayres transcreveu e publicou em *Para a História da Academia*, cit. Na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Ponta Delgada, Fundo Ernesto do Canto, existe outra cópia que vem acompanhada das cartas que se escreveram a propósito da «Oração». Possuímos uma cópia deste «dossier», em que nos baseamos, devida à amabilidade do Sr. Dr. Artur Teodoro de Matos, a quem aqui agradecemos a gentileza.

Na *História de Literatura Portuguesa Ilustrada*, dirigida por Albino Forjaz Sampaio, vol. III, pp. 355-357 estão também transcritas as passagens mais sugestivas.

<sup>18</sup> Está fora do nosso propósito traçar aqui a biografia de Teodoro de Almeida, tarefa, aliás, extremamente facilitada no que se refere aos marcos externos mais decisivos. De facto, abundam elementos. Destacamos os seguintes, por ordem decrescente de interesse:

*Vida do P.º Theodoro de Almeida da Congregação do Oratorio de Lisboa, Fundador do Convento das Religiosas da Visitação ...* Ms. n.º 2316 do A.N.T.T. Trata-se do repositório mais completo sobre o autor que ora

aspectos importantes do tempo e dos homens com que Teodoro de Almeida se defrontou. São pequenas notas que talvez nos ajudem a melhor compreender a riqueza e complexidade do nosso Século das Luzes que tantos entre nós teimavam nesse tempo em manter na mais espessa escuridão. Em que medida se repercutia neste néri a generalidade da família oratoriana à qual ele sempre quisera permanecer fiel? O leitor julgará conosco, a partir de alguns indicadores sugestivos.

Este lisboeta, nascido em 7 de Janeiro de 1722, devia o essencial da sua formação ao instituto onde ingressara apenas com 13 anos de idade, portanto em 1735. Após o estudo da gramática latina, passou à filosofia, ensinada pelo P.<sup>o</sup> Bernardo Lopes e cativou, pela docilidade do seu feitio, outro oratoriano mais tarde muito influente, de nome Domingos Pereira <sup>19</sup>, então prepósito. Conheceu de perto alguns dos homens que pautaram pelo seu prestígio e actuação o Oratório Português, como António de Faria, Diogo Curado, Manuel Consciência, António dos Reis, Luís Cardoso, Francisco Manuel, Manuel Ribeiro e outros. Teve a dita de ter sido discípulo, no curso filosófico, do P.<sup>o</sup> João Baptista <sup>20</sup>, o que provavelmente o terá marcado em definitivo, porque ela era «homem verdadeiramente sabio e a quem os

---

nos ocupa e foi escrito por um seu contemporâneo, cujo nome ignoramos contudo (Cf. § 13, 16, 113, 149). Sabemos, porém, a data ao certo — 1830 — por uma passagem clara «... de que hoje, em 1830, pouco ou nada existe ...». Cf. § 78.

Maria Leopoldina Azevedo, *P.<sup>o</sup> Teodoro de Almeida. Subsídios para o estudo da sua vida e obra*. Coimbra, 1959, (dissertação de licenciatura, policopiada).

Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*. Nova ed. de Damião Peres. Porto, 1970, vol. III, pp. 97-98, onde é aduzida outra bibliografia.

<sup>19</sup> À sua intercessão no Paço deveria Sebastião José de Carvalho e Melo, em boa parte, o lugar que viria a ocupar no governo de D. José.

<sup>20</sup> Sobre o pensamento de João Baptista cf. J. S. Silva Dias, *ob. cit.*, pp. 348 e ss. e Lopes Praça, *História da Filosofia em Portugal*. Lisboa, 1974, pp. 244 e ss.

Estudos de Portugal devem a primeira origem dos aumentos, que hoje tem, e o esplendor a que chegarão»<sup>21</sup> O seu biógrafo acentua que desde muito cedo se inclinou irresistivelmente para a Filosofia Natural, embora fosse homem de mais reflexão do que leitura<sup>22</sup>. Como nesse tempo os estudos dos congregados ainda não se haviam aberto por completo às exigências da modernidade, foi-lhe indispensável estudar como auto-didacta matemática e geometria.

Entretanto, aos 21 anos recebia ordens sacras e, como padre, desempenha as funções específicas do seu estado: confessa e prega, vindo a inovar neste campo, porquanto abandona o estilo tradicional da parenética, cingido ao comentário e glosa de passagens escriturárias seleccionadas. Prefere o estilo simples, natural, dizendo sem rodeios o que pensa, partindo de situações ou conceitos acessíveis à maioria do auditório<sup>23</sup>. Aos 26 anos é eleito para mestre substituto de filosofia tendo à sua disposição uma excelente biblioteca onde havia obras dos autores mais representativos da moderna ciência e filosofia que D. João V enriquecera, em 1745, com 30.000 volumes. Foi por essa ocasião que estreitara relações com a alta nobreza, o que será uma das razões profundas da futura ira pom-balina. De facto, Teodoro de Almeida é escolhido para preceptor do jovem José Maria, filho do marquês de Távora, junto do qual manifestou excepcionais qualidades de mestre e amigo as quais haveriam de constituir uma marca indelével da sua personalidade, especialmente durante a sua permanência em território francês<sup>24</sup>. Como era de esperar, a casa dos Távoras

---

<sup>21</sup> A.N.T.T., Ms. 2316 § 11.

<sup>22</sup> «Lia pouco e meditava muito». *Idem*, § 13.

<sup>23</sup> Cf. Ms. n.º 2316, § 15. Sobre o assunto veja-se Aníbal Pinto de Castro, *Retórica e Teorização Literária em Portugal*. Coimbra, 1973.

<sup>24</sup> As cartas que então escreveu a Ribeiro Sanches são elucidativas a esse respeito. Eis uma passagem: «O Mestre que aqui avia para Matematica foise embora porque dizia que eu lhe tirava os discipulos: não que eu jamais falasse a ninguém; porque sou mui alheio dessa infame

franqueara-se a partir de então ao jovem professor <sup>25</sup>, o que não deve ter sido alheio ao conhecimento do marquês de Pombal, quando quis destruir essa velha cepa nobre <sup>26</sup> e as suas raízes.

Professor de filosofia a partir de 1 de Outubro de 1751, adopta sem ambiguidade as novas correntes, de Descartes e Newton sobretudo, conferindo especial relevo à filosofia natural <sup>27</sup>. O hospício das Necessidades fora, entretanto, dotado de um moderno gabinete de Física, onde o jovem professor dava largas ao seu entusiasmo experimental, perante a admiração do rei e sua corte. A doutrina que adoptava ia-se compendiando na *Recreação Filosófica*, escrita em diálogo e começada a publicar nesta ocasião, a qual, pelo seu carácter acessível, era manuseada por curiosos sem grande preparação científica, a fim de que «todos conheçam o que Deos para todos fez» <sup>28</sup>.

---

vileza; isso porque tenho a minha fama estabelecida de modo que ele achou conveniente de se ir embora». Carta de 1774, transcrita por M. L. Azevedo.

<sup>25</sup> «Daqui procedeo a destinta estimação que o P. Theodoro teve na caza dos Tavoras». A.N.T.T., Ms. 2316 § 13.

<sup>26</sup> «Crível he que não foi sem especial Providencia do Ceo que o P.<sup>o</sup> Theodoro escapou da horrivel tempestade que sobre aquella familia cahio [...] e bem mostrou o Ministro d'Estado quanto lhe pezou de o ter poupado, pois dizia tendo o desterrado, que o P.<sup>o</sup> Theodoro hera hum Malagrida pequeno». *Ibidem*.

<sup>27</sup> «... de todas as partes da Filosofia nenhuma era mais propria do seu genio activo e laborioso, como a Fisica Experimental ...» *Idem*, § 20. A física era para os inovadores setecentistas o capítulo essencial da filosofia. Cf. Newton de Macedo, *História de Portugal*, ed. de Barcelos, vol. VI, p. 426. Sobre a ideologia filosófica de Teodoro de Almeida cf. J. S. Silva Dias, *ob. cit.*, pp. 431 e ss. e também «O ecletismo em Portugal no século XVIII. Génesis e destino de uma atitude filosófica». *Revista Portuguesa de Pedagogia*, VI, Coimbra, 1972.

<sup>28</sup> Como acima dissemos, era esse um dos desígnios do autor que a pudera ter escrito «em latim, o que lhe era facil [ou] no estilo dogmatico, que faria a sua obra mais bem aceita dos doutos daquelle tempo ...» O seu carácter de divulgação enciclopédica parecerá-lhe aconselhar a linguagem corrente, porque «alguns grandes Negociantes Protestantes [a] tinham e não dificultavão para leitura de seus filhos ...». Ms. 2316, §26.

Por ocasião do terramoto de 1755, ou pouco depois, estabeleceu relações de amizade com um homem que, como ele, haveria de fugir à sanha pombalina, viajando sem cessar pela Europa, onde incrementara o gosto pelas ciências e gisara o plano de ajudar os seus concidadãos a modernizarem-se, logo que pudesse agir livremente em solo pátrio. Trata-se do duque de Lafões, que se confessava com os oratorianos aos quais, certamente, poria ao corrente das suas ideias sobre a modernização do país. O seu habitual confessor era um amigo particular de Teodoro de Almeida. Chamava-se João Chevalier <sup>29</sup> e era sobrinho, pela mãe, de Luís António Verney. Certa ocasião adoecera pedindo ao seu colega que o substituísse no atendimento ao duque. Daí nasceram ligações definitivas entre ambos e a Academia das Ciências muito viria a lucrar da colaboração dos dois espíritos <sup>30</sup>.

De todos os ministérios pastorais a que Almeida se dedicava, um polarizava o seu entusiasmo. Referimo-nos às missões do interior, prescritas nos Estatutos da sua Congregação de forma

---

<sup>29</sup> Filho de Pedro José Chevalier e de Luísa Teresa Verney, ingressou no Oratório em 1735, onde adquiriu uma vastíssima erudição, especialmente na teologia e na história eclesiástica, dedicando-se com particular afinco à astronomia. Bibliófilo de prestígio foi encarregado por D. João V de formar a livraria de Mafra e, depois, a do hospício de Nossa Senhora das Necessidades. Muito diferente do P.<sup>e</sup> Teodoro quanto a feitio e personalidade «era seco e frio na Eloquencia [...], não tinha o que se chama flor de imaginação». Como astrónomo reconhecido, foi sócio correspondente da Academia de Paris e da Royal Society, de Londres. Desterrado para Freixo de Espada à Cinta, aí permaneceu um ano. Daí partiu por conselho de amigos, para fugir à raiva de Pombal, em direcção a Bruxelas sob a protecção do duque de Aremberg. Em 1772 consegue ser nomeado bibliotecário da livraria pública, até que a invasão dos franceses o obriga a fugir de novo. Dirige-se a Praga, onde é acolhido por um fidalgo português e vem a terminar os seus dias, em 1801. Cf. Ms. 2316, § 39.

<sup>30</sup> Não deverá ser alheia a esta amizade do duque para com os néris lisboetas o facto de entre os membros fundadores da Academia das Ciências constarem três oratorianos, a saber: João Faustino, Teodoro de Almeida e Joaquim Fois.

categórica<sup>31</sup>. Tendo recusado o magistério de teologia, entregava-se-lhes de alma e coração e, por isso, o iremos encontrar ensinando e pregando no Cercal, Óbidos, Paço de Arcos, onde com zelo inflamado procurava atrair e ajudar os «rusticos que vivem embrenhados pelas aldeias...»<sup>32</sup>. Para além disso lia, escrevia e ensaiava poesia<sup>33</sup>.

A tempestade rondava, porém, de perto a sua existência e abateu-se sobre ele rápida e impiedosamente. Na realidade, nos anos que cobrem os fins da década de 50 e os inícios da seguinte, a maioria dos membros do Instituto a que Teodoro pertencia mantinha relações difíceis com o poderoso ministro de D. José<sup>34</sup>. A intransigência política deste último tinha que fazer vítimas entre aqueles que ousassem opor-se-lhe. E foi o que aconteceu... Quatro dos filipinos mais ilustres tiveram que deixar Lisboa a caminho do desterro. Chamavam-se João Baptista, João Chevalier, Tedoro de Almeida e Clemente Alexandrino. O primeiro e o último foram para o hospício de Monção de onde, depois, o P.<sup>o</sup> Alexandrino, irmão de João Baptista se passou para Viseu, prestando a essa cidade excelentes serviços. Teodoro rumou ao Porto e a João Chevalier esperava-o o remoto Alto Douro, como já referimos. Que crime,

---

<sup>31</sup> «E assim os nossos Padres irão dous, e dous a estas missões [...] especialmente por este Arcebispado...». Cf. *Estatutos*, n.º 15, publicados por J. S. Silva Dias.

<sup>32</sup> A.N.T.T., Ms. 2316, § 34.

<sup>33</sup> O seu poema *Lisboa Destruída*, escrito logo a seguir ao terramoto de 1755, é de valor medíocre.

<sup>34</sup> Hoje sabe-se por que razões até com abundância de pormenores. Dispensamo-nos, por isso, de os referir remetendo o leitor interessado por este assunto para Jean Girodon, *Lettres du père Bartolomeu do Quental à la Congrégation de l'Oratoire de Braga*. Paris, 1973, Introduction, pp. X-XXI e António Alberto de Andrade, «Pombal e os Oratorianos», *Brotéria*, Outubro de 1963, pp. 294-306 e do mesmo autor «Processo Pombalino contra os Oratorianos», *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris, 1969, pp. 250-296. Cf. também Maria Leopoldina Azevedo, cit., pp. 39 e ainda Ms. 2316 (A.N.T.T.), § 57 (nota).

afinal, haviam cometido? Recusaram o *imprimatur* às ideias regalistas da obra *De Protestate Regis* escrita pelo intendente geral da polícia Inácio Ferreira Souto, «mas inspirada directamente por Pombal»<sup>35</sup>. João Baptista e Teodoro manifestaram sem equívocos o seu desacordo para com a doutrina do escrito, o mesmo acontecendo, ao que se presume, aos outros dois, até porque João Chevalier era homem de prestígio firmado<sup>36</sup>.

Deixemos em silêncio o que se refere aos demais e sigamos mais de perto o que diz respeito a Teodoro de Almeida. Pela independência ideológica impressa ao seu magistério, pela ligação e amizade que de longa data votava a algumas das famílias nobres caídas em desgraça, ele estava, há muito, sob a mira do intransigente ministro. Bastava-lhe uma imprudência e ... seria o fim! O citado biógrafo do nosso oratoriano conta-nos como é que o marquês se agastou com a Congregação, em geral, e com o P.<sup>o</sup> Teodoro em particular, mascarando as razões de fundo, que apontámos, mas apresentando ao leitor casos concretos que haveriam irritado o carácter vingativo de Sebastião José. Através deles estariam patentes ao público os motivos que justificavam a perseguição. O primeiro refere-se à educação de seus dois filhos havidos do 2.<sup>o</sup> casamento. O ministro quis que eles fossem instruídos na Casa das Necessidades e, após o terramoto, falou nisso aos padres que, de imediato, anuíram ao desejo. Mandaram logo preparar, à parte da comunidade, habitação condigna para instalação dos jovens fidalgos. O marquês, porém, posto ao corrente desta situação, não se mostrou satisfeito porque queria que os filhos escolhessem onde e como quisessem a sua própria habitação, mesmo que fosse no meio da moradia dos néris. Ora isso ia contra o preceituado nos

---

<sup>35</sup> Jean Girodon, cit., p. XV.

<sup>36</sup> Em 1751 mandaram-se imprimir «Para as aulas da Casa de Nossa Senhora das Necessidades» vários *Diálogos* (*de história sagrada, de história grega, de história romana*) e sobre os *Concílios Gerais da Igreja*, todos da sua autoria.

Estatutos e os padres recusaram com firmeza. Carvalho e Melo terá ficado despeitado e terá exibido, daí em diante, «ódio fidalgo» ao Instituto em geral, planeando mesmo a sua extinção pura e simples <sup>37</sup>.

O segundo teria Almeida como protagonista único e responsável. Conta-se em poucas palavras. Ele confessava uma senhora no Paço há muito, visitando-a todos os sábados. Ora, quando se ajustou o casamento da primogénita de D. José com seu tio D. Pedro, em 1760, na morada real tudo se mantinha em silêncio, embora na cidade a resolução fosse já pública. Ao perguntarem uns fidalgos ao P.<sup>o</sup> Teodoro por novidades ele, ingenuamente, terá caído na inconfidência, sem o saber aliás, irritando sumamente o marquês, que desejaria manter por mais tempo o segredo intra-muros. Mandando inquirir quem era o culpado e vindo a conhecer o responsável só restava castigá-lo com dureza ...

O ministro sabia enroupar bem, disfarçando com argumentos de índole diversa, as suas verdadeiras e secretas intenções. Os resultados eram o que contava e, no caso presente, eles foram conseguidos de imediato. Teodoro teve que partir precipitadamente, buscando no Porto a tranquilidade de espírito e o campo apostólico que o seu zelo e fogaosidade reclamavam. Chegou à Cidade Invicta a 15 de Julho de 1760, após oito dias de viagem. Ao contrário do que imaginaria o seu persecutor,

---

<sup>37</sup> Houve excepções bem conhecidas, aliás. O marquês de Pombal teve excepcionais apoios e defensores estrénuos entre os oratorianos, de que citaremos apenas António Pereira de Figueiredo, o mais conhecido de todos, autor, entre outras, das célebres *Tentativa Teológica* e *Demonstração Teológica*, Lisboa, 1766 e 1769, respectivamente e também Francisco José Freire, o cándido lusitano da Arcádia Ulissiponense, Manuel de Macedo, Pereira de Vasconcelos, António Soares e outros. Pereira de Figueiredo por mais do que uma vez se referiu à hostilidade oratoriana generalizada contra Pombal. Temia medidas extremas, como a extinção pura e simples e tentou até justificá-la, caso viesse a suceder. Mais tarde, passada a tormenta e tendo caído o poderoso ministro, regressaria ao convívio dos seus irmãos de roupeta que lhe perdoaram.

lá encontrou excelente camaradagem, amizade mesmo, o que tornava o exílio pouco doloroso. Essa ambiência de fraternidade, permitiu-lhe redigir os primeiros tomos da sua *Recreação Filosófica* e, instigado pelo futuro prepósito da casa portuense, um homem de rara afabilidade e zelo apostólico<sup>38</sup>, dedicou-se a pregar, missionar e exercer todos os demais ministérios filipinos. Com 41 anos estava «na maior força da sua idade» repartindo o seu tempo entre a missionação (Porto e arredores) e a composição das suas obras: *Gemidos da Mãe de Deus* (1763) e *Tesoura da Paciência* (1765)<sup>39</sup>.

As suas andanças puseram-no em contacto com homens de formação muito diversa com quem mantinha contactos fáceis e frutuozos<sup>40</sup>, sendo um deles o P.<sup>o</sup> Inácio de Morais em casa de quem, em breve tempo, se haveria de ocultar furtando-se à sanha pombalina<sup>41</sup>. O sossego de que beneficiara no Porto

---

<sup>38</sup> Cf. do autor, *Bento José, memorialista da Congregação do Oratório do Porto*. Porto, 1973.

<sup>39</sup> Sobre a espiritualidade deste período de Teodoro de Almeida, cf. Ofélia M. Caldas Paiva Monteiro, *D. Fr. Alexandre da Sagrada Família. A sua espiritualidade e a sua poética*. Coimbra, 1974, pp. 50-54.

<sup>40</sup> A sua facilidade de diálogo ajudou-o a converter, de parceria com outro clérigo, um oficial calvinista suíço de nome Merli, do corpo de granadeiros.

<sup>41</sup> Inácio de Morais Sarmento Pimentel, abade da freguesia de S. Martinho de Bougado, na comarca da Maia (integrada, com a reforma administrativa do liberalismo, no concelho de Santo Tirso), foi o autor das respostas ao inquérito relativo à mesma freguesia e integrado nas chamadas *Memórias Paroquiais* (A.N.T.T., Tomo VII, B 2, n.º 53).

Aí assinala que a igreja paroquial era pequena e muito antiga, não tendo mais de três altares: no altar-mor estavam as imagens do padroeiro, S. Martinho Turonense e de S. Pedro Apóstolo, ladeadas pelas de Santa Ana e de S. Paulo; nos altares laterais, encostadas ao arco cruzeiro, estavam colocadas as imagens da Senhora do Rosário e do Menino Jesus, num, e no outro, as de S. Caetano e S. Roque — todos eles «imagens antiquíssimas».

A igreja foi ampliada no tempo do abade Inácio de Morais Sarmento Pimentel. Deve-se-lhe também a iniciativa de ter mandado vir de Roma,

chegara ao fim em 1768<sup>42</sup>. Obrigado a interromper bruscamente uma missão em Trás-os-Montes, por conselho de amigos teve que debandar encoberto rumo ao norte, a 26 de Setembro, amparado pela solidariedade de um confrade portuense, o P.<sup>o</sup> Manuel Betencourt<sup>43</sup>. Escondido aqui e ali foi caminhando incógnito até à Galiza, onde, ao contrário do que imaginava, não iria encontrar compreensão nem sossego. Em face disso, pensou partir para a Holanda onde poderia vir a finir seus dias em paz. Tentou para lá transporte marítimo, mas de Vigo só havia barco para S. Sebastian ou, então, para Bordéus. Optou pela primeira cidade convencido que estava de poder alcançar os Países Baixos a partir de lá ou de Bayonne. A viagem encetada tornou-se um verdadeiro pesadelo e quando, finalmente, arribou a S. Sebastian, em 3 de Dezembro, ia exausto e transfigurado. Mais provações o esperavam. Imaginando-o jesuíta, ninguém o queria recolher, vendo-se ele obrigado a pernoitar no adro das igrejas, mesmo em tempo de invernia. O encontro com alguns compatriotas e a sugestão deles para que permane-

---

por intermédio do oratoriano P.<sup>o</sup> Manuel Consciência, uma relíquia de S. Martinho, solenemente recebida e logo colocada, a 21 de Junho de 1733, no altar-mor, por oferta que ele fez ao então abade e seu antecessor Francisco da Rosa Pimentel. (Nota amavelmente cedida pelo Prof. António Cruz).

<sup>42</sup> De facto, nos livros de contabilidade da Casa do Porto consta que «O P.<sup>o</sup> Teodoro de Almeida, da Congregaçam de Lisboa, chegou a esta em 13 de Julho à noute de 1760». Pagou o seu património (20\$000) até 1766. «A 26 de Setembro de 1768 se auzentou este P.<sup>o</sup> desta Congregaçam para Galiza e ficou devendo de seus patrimonios 44\$000, mas depois mandou dizer que não deuia nada, alegando que em todo o tempo que esteue na Congregaçam andaria por fora dela 18 mezes e que se vestia à sua custa e outras desculpas com rezão». Cf. A.D.P., *Livro n.º 13 da Congregaçam do Oratório*, f. 363.

<sup>43</sup> Desde 1760 fora eletio para Prefeito da Livraria, cargo que desempenhou até 1777. Natural de Rio das Velhas, Mariana, Brasil, era filho de um capitão-mor e fez-se congregado a partir de Julho de 1753, com 17 anos de idade. Morreu de idade avançada, em Agosto de 1820, tendo prestado serviços notáveis à comunidade a que aderira.

cesse aí ajudaram-no a encarar a sério essa hipótese. A Holanda, embora desejada, obrigá-lo-ia a nova viagem marítima a que ganhara um horror sem limites. Preferia desistir e acomodar-se às circunstâncias actuais. O bispo, de resto, autorizara-o já a exercer o munus pastoral, embora Pombal não desarmasse na sua perseguição. A sua sombra era poderosa e férrea. Através das autoridades espanholas, recebe ordem taxativa de abandonar território ibérico e, como um criminoso vulgar, é acompanhado por um agente da autoridade, de baioneta em punho, até à fronteira francesa. Em Fevereiro de 1769 está em solo francês, hospedando-se, por conselho de um português, no bairro judeu do Espírito Santo. As disputas teológicas em que de imediato se vê envolvido grangeam-lhe prestígio, mas aborrecem-no. Como não era conflituoso nem um teórico por gosto, esse ambiente enfada-o. Dirige-se, por isso, para Bayonne, onde consegue alojamento decente junto do mosteiro das religiosas da Visitação. É aí que ele se revelará em plenitude e acabará por permanecer oito anos em pleno rendimento, sentindo que o tempo jogava a seu favor e lhe começavam a fazer justiça. Tendo que trabalhar para viver decentemente, alia as funções eclesiásticas à docência. Começa a leccionar física, geometria e álgebra e a fama de bom mestre vai-se alargando progressivamente. Conhecera sucesso rápido na região e isso irritava o colérico ministro de D. José, que nunca o perdera de vista. Mais que uma vez chegaram ordens de Paris a Bayonne para que Teodoro fosse expulso. A diplomacia exercia pressão, mas sem resultados práticos porque, avisado previamente, ele ausentava-se para o campo e o governador respondia que o não encontrava residindo na cidade. Por 1774 atinge o máximo de estabilidade e prestígio. Ganhava para viver

---

<sup>44</sup> «Eu em discipulos quotidianos faso 5 ou 6 luizes cada mes, dispenderei dois; porque rara ves me deixão jantar em caza ...». Carta a Ribeiro Sanches, transcrita por M. Leopoldina Azevedo, *ob. cit.*, p. 310.

<sup>45</sup> «... o futuro é mui contingente, e sempre é bom o saber». *Ibidem.*

folgadoamente <sup>44</sup>, conseguira mesmo amealhar bens <sup>45</sup>, choviam os convites. O seu concurso científico era disputado, nomeadamente pelos espanhóis. A oferta mais insistente vinha da Sociedade Vascongada de Amigos del País, cujo presidente era o conde de Peñafiorida, o qual contactara Teodoro através de um clérigo seu amigo e discípulo do nosso compatriota. Mas também de Ferrol lhe propunham um lugar de profesor, pago pelo erário régio, para leccionar a futuros marinheiros. Esta hipótese agradava-lhe porque, dado o estipêndio ser certo por correr «como o dos officiaes de guerra, ou da engenharia», além disso «Elrei da cada anno 10 mil Libras para Livros e maquinas de Fisica e 5 mil de ordenado ...» <sup>46</sup>. Parecia-lhe, contudo, ser arriscado trocar o certo pelo duvidoso e estava de sobreaviso no que toca às «mudansas, que sempre as temo» <sup>47</sup>. Preferia vender as máquinas que havia construído, «e com o seo producto, que sempre serão 5 mil libras [...] fazer uma pequena reserva para o futuro; podia com a minha (?) geometria, geografia, a explicação de Fisica aos discipulos quotidianos, ganhar de sobrejo para a saude ...» <sup>48</sup>. E, à guisa de conclusão, escrevia: «Vivo tão sosegado [...] que temo não achar o que deixo» <sup>49</sup>. Quem havia já experimentado tantas provações (e privações ...) hesitava e com razão! Era legítimo, até porque na carta seguinte, do mesmo ano, ele não podia conter este desabafo: «actualmente estou na melhor situação que nunca tive ...».

A sua fama alastrara sempre pelas redondezas. De Brest e Auch oferecem-lhe lugares tentadores, mas ele prefere não aceitar. Acede a leccionar nesta última cidade, mas por tempo reduzido. Mantém relações de intimidade com o franciscano Ambroise Lombez cuja obra <sup>50</sup> viria a traduzir para português,

---

<sup>46</sup> Correspondência com Ribeiro Sanches.

<sup>47</sup> *Ibidem.*

<sup>48</sup> *Ibidem.*

<sup>49</sup> *Ibidem.*

<sup>50</sup> Era o *Traité de la paix intérieure*.

tendo sido editada a primeira vez em Lisboa em 1783<sup>51</sup>. O arcebispo dessa pequena cidade pirenaica oferecia-lhe hospitalidade condigna, um canonicato e a naturalização! Parecia estultícia não aceder ao convite. Ele, porém, tudo recusa porque mantém a esperança de regressar à pátria em paz e dar largas aos seus projectos construtivos na terra que deixara com amargura por amor à verdade e tranquilidade de consciência. Dedicou todo o seu tempo aos alunos construindo aparelhagem para laboratórios, figuras em madeira e papel para a geometria, desenha cartas geográficas e inventa um planetário, de elevado preço que mais tarde tentará vender, com autorização do município de Bayonne, através de uma lotaria pública<sup>52</sup>. Em Julho de 1776 faz júri com o P.<sup>e</sup> Lacaze para examinarem Jacques Garra de Salagoity, candidato a professor de hidrografia, por incumbência da cidade e em Setembro do mesmo ano o «Corps de Ville» oferece-lhes 20 libras de chocolate<sup>53</sup>.

Tem razões para se sentir satisfeito: «tenho um tal socego de coração que não à mortal que se possa comparar comigo». E o que sumamente lhe agradava era a total independência em que vivia: «fazo o que quero sem que ninguém me pesa conta»<sup>54</sup>. Apesar de tudo isso e sem que nada o fizesse suspeitar, de vez em quando, deixa-se apossar por uma profunda nostalgia, aliás muito antiga, que descreve de forma eloquente: «tenho raízes de outra [queixa] que me dominava desde a idade de 10 annos, que é a melancolia; padeci como um miseravel ate entrar a ler a cadeira de Filosofia ou preparar-me para isso; mas anteceden-temente vi-me quazi perdido à forsa de ch(orar) sem mais

---

<sup>51</sup> Cf. do autor *A Crise de Consciência em Portugal no séc. XVIII: Uma tentativa de análise e superação. A obra do P.<sup>e</sup> Matias de Andrade (1680-1747)*. Porto, 1978, p. 33.

<sup>52</sup> O requerimento era dirigido «A Messieurs les Maire, Échevins et Conseil de la ville de Bayonne», em Julho de 1775.

<sup>53</sup> Cf. Maria L. Azevedo, *cit.*, p. 283.

<sup>54</sup> Carta a Ribeiro Sanches de 1774. Durante esse ano repetirá por mais que uma vez essa ideia ao amigo íntimo.

motivo que a vontade de chorar, e um aperto do peito que deste modo se desafigura»<sup>55</sup>.

O regresso à pátria bailava sempre na sua mente e nada o podia fazer olvidar: nem fama, nem bens, nem estabilidade, nem mesmo a simpatia humana conquistada. Fora sempre um exilado e espreitava a oportunidade de rever amigos, parentes, lugares da infância e juventude. Ser-lhe-á exigido aguardar a queda política do marquês, mas ele espera pacientemente. Desde 1774 confidenciava ao seu amigo: «... a nossa volta para Portugal pode ser que esteja mais proxima do que cuidavamos [...] (por)que morrendo o Ministro tudo vai depressa assim porque nenhum dos que la estão tem as qualidades que ele tem; e o Principe, Princesa, Rainha, corte, povo, e plebe respirarão da opressão em que vive e farão ver a ElRey o que ele não quer ver agora»<sup>56</sup>. Almeida enganava-se quanto ao termo da vida do seu fidalgal inimigo, mas não quanto ao resultado da sua queda política!

De facto, quando, em finais de Julho de 1777, soube, em Auch, que já nada obstava ao seu regresso à pátria, prepara-se de imediato para ele<sup>57</sup>. Empreende viagem, partindo de Bayonne em Dezembro. Quando passa por Madrid, parece um cadáver<sup>58</sup>, mas a sua força de vontade fá-lo chegar a Lisboa, final-

---

<sup>55</sup> Carta ao mesmo destinatário de Agosto de 1774, onde Teodoro de Almeida fornece mais pormenores acerca dessa característica da sua personalidade: «Dia em que me moerão o tempo e não fis nada, estou negro por dentro como chaminé ferrugenta, tenho máo genio, e não presto para nada». E logo a seguir: «... a minha cabesa precisa de alimento socegado, aliás me mata com melancolia: os meos amigos o conhecem tanto que não estranhão». Cf. também Fernando de Azevedo, *The Spirituality ...*, p. 113.

<sup>56</sup> Cf. Carta a Ribeiro Sanches de Fevereiro de 1774.

<sup>57</sup> Um dos seus discípulos e confrade, o P.<sup>o</sup> João Faustino, removea todos os obstáculos, auxiliado pelos marqueses de Angeja e Ponte do Lima. Cf. Ms. n.º 2316, cit., § 97.

<sup>58</sup> Foi essa a reacção do médico português Manuel Pereira com quem lá se encontrou. *Idem*, § 118.

mente, em Maio seguinte. Procura antes de mais recuperar a saúde e restabelecer contactos com velhos amigos, alguns dos quais raivosamente perseguidos, como ele, pelo despótico ministro de D. José <sup>59</sup>. Daí em diante Teodoro de Almeida residirá na capital entregue às lides intelectuais com entusiasmo e copiosíssimo fruto <sup>60</sup>. Não esquecerá, contudo, a obra que, como padre e pedagogo <sup>61</sup>, observara entre as Visitandinas de Bayonne e procurará introduzir em Portugal esse instituto que tão bons resultados já havia proporcionado na obra de educação das raparigas <sup>62</sup>. Move influências, escondendo-se intencionalmente, por a sua figura merecer reservas a uma parte dos altos dignitários do Paço <sup>63</sup>. E o certo é que em 30 de Janeiro de 1782

<sup>59</sup> Está neste caso, por exemplo, D. Miguel da Anunciação, o tristemente célebre bispo de Coimbra, encarcerado na Junqueira sob a acusação de ser jacobino. Cf. L. Cabral de Moncada, *Mística e Racionalismo em Portugal no séc. XVIII*. Coimbra, 1952. O bispo tinha sido aluno dos oratorianos na casa do Espírito Santo, onde conhecera Teodoro de Almeida.

<sup>60</sup> São impressionantes a quantidade e a variedade de obras por ele escritas, em número superior a uma vintena, a maioria das quais foi impressa em sua vida. Cf. *Dicionário Bibliográfico Português*, vol. VII.

<sup>61</sup> Um resumo do seu pensamento pedagógico, haurido ao longo de mais de meio século de experiência, encontra-se na «Carta XLI — Sobre o methodo da educação de filhos nobres». Cf. *Cartas Espirituaes*, cit.

<sup>62</sup> «Em todo o tempo desde que entrou em Portugal nunca perdeu memoria do Mosteiro da Visitação de Baiona, em cuja cultura trabalhára mais de 6 annos ...». Cf. A.N.T.T., Ms. 2316, § 139. Teodoro de Almeida deixaria manuscrita a *História da Fundação do Convento da Visitação* a qual lhe haveria de atrair violentas críticas. A de D. Frei Alexandre da Sagrada Família não foi, certamente, das mais benevolentes: «O Bispo [...] reprovava asperamente o mundanismo, a imodéstia e a lisonjaria que, na *História* do convento lisboeta, o tinham conduzido a contrariar o rosto austero da verdade até cair por vezes nos erros alvares do catolicismo fraudulentamente beato ...». Cf. Ofélia M. C. P. Monteiro, *D. Frei Alexandre da Sagrada Família. A sua espiritualidade e a sua poética*. Coimbra, 1974, pp. 96-97.

<sup>63</sup> Quem assumia a iniciativa aos olhos da hierarquia eram figuras da mais alta nobreza, como D. Leonor da Câmara, a marques de Angeja, a condessa de Óbidos e a viscondessa de Vila Nova da Cerveira. Cf. Ms. 2316, *ibidem*.

a rainha assinou o alvará para que fosse erecto um mosteiro feminino da regra salesiana, com o objectivo de ensinar as meninas nobres a «escrever, contar, Religião, cozer, renda bordar, etc.; o Francês, o Italiano, o latim, a gramática Portuguesa e a geografia; e em breve tambem a Musica»<sup>64</sup>. Estava realizado um dos sonhos do activo néri que «parece que de França o trouxera atravessado no coração»<sup>65</sup>.

Conhecidos os traços gerais da personalidade e da infatigável acção do nosso homem, talvez entendamos melhor a polémica «Oração» de abertura solene da Academia das Ciências, a que já nos referimos.

A ideia de criar em Portugal uma agremiação científica como as que já existiam em Paris e Londres sobretudo, cuja acção era conhecida e apreciada, já era antiga. A ela está associada desde o início a Congregação do Oratório e será, talvez, por essa razão que no número dos fundadores se contam nada menos do que três filipinos. De facto, cerca de 25 anos antes tinham-se levado a cabo reuniões sob as telhas oratorianas, principalmente entre o P.<sup>e</sup> Teodoro de Almeida e o Duque de Lafões, gizando-se então o plano para a criação entre nós da referida Academia. Comunicado o plano a D. José ele tê-lo-á aprovado<sup>66</sup>. A argumentação dos entusiastas pela criação da nova associação fundava-se, entre outros, no argumento de que, se as nações cultas tinham essas agremiações e alguns portugueses até se contavam entre os seus membros, «não era justo que as Nações estrangeiras buscassem os nossos para as

---

<sup>64</sup> Carta de Teodoro de Almeida a D. Fr. Manuel do Cenáculo, de 25 de Abril de 1796. Cf. Maria L. Azevedo, cit., p. 78.

<sup>65</sup> Ms. 2316, § 139.

<sup>66</sup> *Idem*, § 143. O próprio P.<sup>e</sup> Teodoro o afirmou publicamente logo no início da «Oração» solene, o que parece ser um índice da sua veracidade: «Mas graças ao Céu chegou o tempo, em que se verificou o projecto meditado ha 25 annos por alguns de entre Nos; e ja então approvedo particularmente pelo Senhor Rey D. Jose ...».

suas corporações literárias e que a Nação Portuguesa não tivesse huma semelhante corporação formada de seus membros nacionaes ...»<sup>67</sup>. Regressado o duque do seu exílio, a primitiva ideia foi retomada e com ele Teodoro «discorreo em convercação particular, como coiza ja assentada em todo o Mundo que o estabelecimento das Academias era summamente util para polir as nações, e diffundir nellas o gosto das Artes e Sciencias ...»<sup>68</sup>. Logo a seguir foram informados e associados ao projecto o P.<sup>o</sup> João Faustino e o visconde de Barbacena<sup>69</sup>, crescendo sempre o núcleo inicial. Sucederam-se as sessões particulares em que os estatutos se iam elaborando e, finalmente, em Dezembro de 1779 a rainha aprovou o plano traçado, estabelecendo-se «em Lisboa, à imitação de todas as nações cultas, esta Academia de Sciencias, consagrada à gloria e felicidade publica, para adiantamento da Instrução Nacional, perfeição das Sciencias e das Artes e augmento da industria Popular»<sup>70</sup>.

Portugal modernizava as suas instituições culturais, dando guarida aos ventos que sopravam da Europa culta. Nenhum obstáculo se deparava a quem quisesse adoptar as mais moder-

---

<sup>67</sup> *Ibidem.*

<sup>68</sup> *Idem*, § 144.

<sup>69</sup> O segredo de que se rodearam os primeiros passos da nova associação explicam-se pelo facto de os seus membros mais destacados serem estrangeirados, portanto suspeitos para uma boa parte da camada social mais influente, que era conservadora em extremo, portanto desconfiada das ideias tingidas de enciclopedismo ou semelhantes. Isto mesmo nos é documentado através da leitura das cartas dirigidas pelo abade Correia da Serra e Visconde de Barbacena a Domingos Vandelli. Cf. Cristovam Ayres, cit. O próprio Teodoro escreve em 1779 ao Dr. João de Abreu Maia: «Há grandes dificuldades, como sempre em tudo o que é bom; contudo temos esperanças que se desvanecerão. Então este edificio científico, tendo escoras por todas as partes, será firme [...]. Ainda que esse segredo [da fundação da Academia] se quer guardar até ver o que sai ...». Cf. Maria L. Azevedo, *ob. cit.*, p. 364.

<sup>70</sup> José Silvestre Ribeiro, *Historia dos Estabelecimentos Scientificos litterarios e artisticos de Portugal*. Lisboa, 1872, t. II, p. 39.

nas correntes científicas ou filosóficas<sup>71</sup>, embora nos últimos anos do século o controle policial se tivesse tornado cada vez mais intransigente, saindo a sede da Academia do paço das Necessidades.

Desde o nascimento a nova instituição deparara com uma forte hostilidade por parte de um sector considerável dos homens influentes. Uns por que eram avessos aos princípios ideológicos que lhe estavam na génese, outros por despeito. Na realidade, estabelecera-se «que não seriam admitidos no numero dos socios, ou correspondentes senão os sojeitos, cujo merecimento se tivesse manifestado por obras dadas ao público»<sup>72</sup>. Esta cláusula soou aos ouvidos de muitos como uma espécie de provocação ao nome e prestígio de que julgavam dispor e, por isso, «tomarão estes o partido de morderem, e desdenharem da Academia, e dos seus membros mais respeitáveis»<sup>73</sup>. Estava assim criado o clima para o ataque frontal a tudo o que dela proviesse. Era olhada como o alvo fácil e preferido da maioria dos derrotistas que suspeitavam por sistema de tudo o que fosse abertura às ideias vindas do estrangeiro.

Em resultado da eleição feita, coube a Teodoro o cargo de orador, sendo, portanto, o porta-voz oficial da instituição em

---

<sup>71</sup> Foi então solicitada e conseguida a isenção da censura oficial e, em 1783, a rainha tornou-se protectora da Academia. A instituição fora-se, porém, tornando suspeita de dar guarida às ideias avançadas, designadamente francesas e passou, por isso, a ser olhada com suspeição pela camada conservadora da inteligência nacional, sendo por alguns, ironicamente, conhecida como a «colmeia dos botafogo». Pina Manique, conhecendo os livros que para ela chegavam através da alfândega, denunciava repetidamente o duque e os clérigos Teodoro de Almeida, Pereira de Figueiredo e Correia da Serra. O primeiro e o último destes eclesiásticos eram mesmo acusados de hospedarem clandestinamente o girondino Augusto Broussonet, amigo de Robespierre. Ora este procedimento era tanto mais de estranhar quanto é certo que o intendente geral da polícia fora discípulo e era amigo pessoal de Teodoro de Almeida. Cf. Ms. 2316, § 131 e Maria L. Azevedo, *ob. cit.*, p. 65.

<sup>72</sup> Ms. 2316, § 145.

<sup>73</sup> *Ibidem*.

todas as ocasiões <sup>74</sup>. Incumbia-lhe, pois, a elaboração e pronúncia da «Oração» de abertura. Consciente das suas responsabilidades, tocou os pontos que lhe pareciam mais importantes, traçando uma espécie de programa abreviado. Fora violento e desassombrado, mas era coerente consigo próprio e com os seus amigos da hora do arranque. Como sempre, dispunha-se a arrostar com as consequências. A reacção provocada não foi menos branda. Choveram os impropérios e a «catilinária» <sup>75</sup> ecoou. Antes que as suas afirmações fossem deturpadas, ele apressou-se em enviar uma cópia do que dissera ao Paço.

Que pretendiam os acusadores de Teodoro de Almeida? Demos a palavra ao seu biógrafo: «os seus emulos, que não puderão, ou não souberão descobrir no Feliz independente alluzoes malignas para o malquistarem com o governo, como tinha succedido em França ao celebre Fenelon com o seu Telemaco, acharão na oração, que elle recitou occasião favoravel de satisfazerem a sua vil paixão, soltando contra ele as suas linguas envenenadas, armadas de calumnia» <sup>76</sup>. Acusavam-no de ter insultado a nação, «e dito mil vilipendios». A notícia correu célere, pasando da corte à cidade e da capital a todo o país.

Conhecemos as peças essenciais do libelo acusatório — quatro ao todo. Algumas estão já publicadas <sup>77</sup> e, portanto, não nos parece útil voltar a fazê-lo aqui. Uma, porém, julgamos estar ainda inédita e merecer letra de forma. Com efeito, segundo Inocência F. da Silva, o seu autor é o mesmo das demais e ela comunga, por essa razão, do ideário das outras; nela a Academia continua a ser visada, de forma mais subtil, mas igualmente violenta, revelando-se, ao mesmo tempo, alguns dos traços da personalidade do autor (inveja, despeito, pedantismo ...). Outra, que também transcrevemos, foi já dada a lume,

<sup>74</sup> Excepto quando o presidente quisesse assumir essa função.

<sup>75</sup> Cf. Cristovam Ayres, *ob. cit.*

<sup>76</sup> Ms. 2316, § 145.

<sup>77</sup> Cristovam Ayres, *cit.*

em policópia, a partir do original da B.U.C., ms. n.º 1504, por Maria Leopoldina Azevedo, estando também incluída no «dossier» existente na biblioteca e arquivo de Ponta Delgada. É, quanto a nós, outro documento a merecer maior divulgação tanto por causa da frontal hostilidade à «Oração» de Teodoro de Almeida, como ainda por que o seu autor se revela um dos mais estrénuos defensores do despotismo e do regalismo, chegando a afirmações dum radicalismo espantoso, como: «Deve [o vassalo] adorar todas as decizoens do trono, executalas cegamente ... Os Reis são os substitutos do Altíssimo, são os seus Deozes na terra ...». Pombal continuava a ter sequazes fiéis, mesmo após a sua desgraça política!

Uma última referência, agora ao provável autor dessas cartas que se multiplicaram correndo o país, fazendo-se eco de um largo sector de opinião. Quem seria o «principal motor, que com a sua voz levantou o estandarte da perseguição excitando na Corte o escandalo e dezagrado contra o Varão mais zeloso do bem da Patria»? O P.º Teodoro nunca quis revelar o seu nome «por mais que com instancias lho proguntamos»<sup>78</sup>. Sem que possamos ser categóricos, parece-nos ser de aceitar a opinião do autor do *Dicionário Bibliográfico Português* o qual, baseado na tradição, o identifica como tendo sido Francisco de Sales, professor régio de retórica e poética em Lisboa, nascido por volta de 1735 e falecido cerca de 1800, sócio da Arcádia Ulissiponense<sup>79</sup>. Nenhum outro dado rigoroso possuímos para corroborar ou infirmar esta asserção<sup>80</sup>.

Como reagiu Teodoro de Almeida? Foi sensível à hostilidade que lhe votavam esses círculos. Por isso procurou retirar-se, ao menos temporariamente, dedicando-se a tarefas menos polémicas.

<sup>78</sup> Ms. 2316, § 149, nota.

<sup>79</sup> Cf. vol. III, n.º 1790.

<sup>80</sup> O autor do ms. 2316 sabia apenas que não se tratava de «hum homenzinho da vil plebe, mas hum sojeito erudito, polido, e condecorado». Cf. § 149.

micas. A fundação das Visitandinas, a pregação, o ensino e a composição das suas obras levavam-lhe bem todo o tempo disponível <sup>81</sup>. Prelados ilustres como D. Fr. Caetano Brandão, arcebispo de Braga, seu íntimo amigo, solicitavam-lhe que publicasse o mais que pudesse <sup>82</sup>, a que ele acedeu até ao limite das suas forças, morrendo octogenário e cheio de achaques, em 1804. Deixou uma obra variadíssima e de impressionante vastidão. Sem o podermos considerar um pensador original <sup>83</sup>, devemos, contudo, não esquecer que foi um dos portugueses do séc. XVIII mais apreciados e conhecidos pelos estrangeiros. Robert Ricard chama a atenção para a «enorme difusão» que as suas obras tiveram em Espanha e América Latina <sup>84</sup>, citando os termos de uma carta de Menéndez Pelayo que refere que todas as obras de Almeida «fueron traducidas inmediatamente al castellano, haciéndose de ellas numerosas ediciones, que lograron casi tanta popularidad como los escritos del P. Feijoo» <sup>85</sup>. No Chile as obras do nosso compatriota «ont contribué à repandre les sciences nouvelles et la philosophie dite moderne» <sup>86</sup> e um dos arautos da independência desse país latino-americano, Juan Egaña, escreveu *Ocios filosoficos y poeticos en la Quinta de las Delicias* (1827), imitação, pelo menos formal, da *Recreação Filosófica* <sup>87</sup>. Mesmo que seja só pela repercussão exterior das suas obras Teodoro de Almeida merece um lugar indiscutível na cultura portuguesa de setecentos.

---

<sup>81</sup> Em 1797 andou na missão quaresmal em Sacavém com dois companheiros, dois anos mais tarde em Vialonga e, em 1800, em Belas.

<sup>82</sup> Cf. ms n.º 2316, § 133.

<sup>83</sup> Além dos trabalhos já citados, cf. ainda António Alberto de Andrade, *Vernei e a Cultura do seu tempo*. Coimbra, 1966.

<sup>84</sup> Seria interessante saber qual foi a sua aceitação no Brasil.

<sup>85</sup> Cf. *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. IV, 1963, pp. 628-629.

<sup>86</sup> *Idem*, p. 630.

<sup>87</sup> *Idem*, vol. V, 1964, p. 634.

Transcrevem-se de seguida as duas cartas acima referidas e que são documentos eloquentes do clima apaixonado que rodeou a criação e o funcionamento da Real Academia das Ciências de Lisboa.

Versão ms. da Biblioteca e Arquivo Distrital de Ponta Delgada:

## C A R T A

*Escrita a hum Amigo sobre o merecimento da Oração da Abertura da Academia das Sciencias em a tarde do dia 4 de Julho de 1780.*

Amigo e Senhor. Vi e com reflexão li dous sonetos em que me chama Amigo, com cujo tratamento em demazia me desvanço; não tanto por haver recebido este tratamento de hũa pessoa de tão conhecida destinação, mas por ser de hum sojeito de abalisados talentos, e literatura e bom gosto aprecio tal amizade. Dezejara que as Musas me fossem mais gratas e que me houvessem embalado o berço para lhe poder responder com a mesma lingoagem; porem ellas assim como me forão de algum modo benignas deixando-se mostrar, para que eu conforme a minha rudêz afoutamente as conhecesse, lhe entendessem a lingoa e descobrisse os seus mais occultos misterios, contudo me tolherão para que não uzasse com tanta framqueza dos seus encantos e agrados me prohibirão uzar do seu idiotismo. E tive sempre na memoria o dito daquelle famoso Poeta que dizia que a Poesia era hũa lingua divina que aquelle a quem os Deoses não concederão este dom escuzava de a fallar; que a Poesia he como a Musica e não deve cantar em publico senão aquelle que sabe esta armoniosa Arte. Não me deslembrando de tão fortissimas razoens, antes que emprehenda qualquer obra, sempre consulto as minhas forças. Ainda que a natureza he fertil em excellentes espiritos, sabe com tudo repartir entre os Authores os talentos. Malherbe pode exagerar de hum Heroe os seus ariscados acontecimentos. Bacan (sic) cantar Filis, os bosques, os pastores outros nenhuma destas couzas poderão. Quem se não rirá da proza de Virgilio, como dos versos de Cícero? Nem todos os Autores podem emprehender os mesmos assumptos e executalos dignamente. Mas

como amigo tollere que eu em rasteira frase, com aquella linguagem com que naturalmente nos explicamos agradeça, elogie os seus sonetos, e faça aquellas reflexoens que o seu objecto pede. Nenhuma novidade me vierão dar sem que elles me mostrassem os caracteres do seu animo, nunca julguei o contrario depois que o tratei. Nos seus escritos em verso tenho encontrado com aquella harmonia, fructo de huma aturada lição de bons Poetas e não de concorrencia, ou união de Sylabas ou palavras; de maneira que tirandose a este xadres hum simples termo, logo se desconcerta toda aquela fantastica harmonia. Nas suas obras ou de verso ou de proza ha elegancia, subtilidade, pureza de lingua, lição dos melhores Authores, critico e verdadeiro juízo dos nossos Historiadores. Tem a sua alma adornada com hum solido conhecimento da pureza da Religião, arredados da superstição e da incredulidade, com a generosidade, com a candura, com a liberalidade e com a atenção, sem soberba nem vaidade.

He pois pena que quem adornou o seu espirito com huma educação sabia e desabuzada ficase fora da sociedade daquelles homens que dizem vem a emendar os erros da nossa literatura e com a sua companhia aperfeiçoar e pulir outros para caminharem seguramente para a gloria. O ceo permita que os fins correspondão a tão bons intentos! Mas amigo do coração devo lembrar-lhe que hoje estes Mestres Sabios achão a Nação como certamente o não julgão. Ha mais de trinta anos (sem fallarmos nos nossos bons e dourados seculos) se tem trabalhado nesta Nação com gosto solido e puro, com o conhecimento de muitas Artes e Sciencias que erão ou totalmente ignoradas ou soterradas em Portugal. Temos Escollas de Humanidades, Sciencias Naturais, Physicas, Mathematicas, aonde se educarão mossos que derão credito a Portugal. O Direito se aprendeo depuradamente sem subtilezas, nem sofismas. Emfim lease com os olhos dezempoados de paixão o Plano da nova fundação da Universidade de Coimbra e então se verá como as sciencias e gosto crescia ao olho. Clamem muito embora desentoadamente ou os Partidistas da ignorancia que querem ainda revocar os seus antigos e medonhos; ou outros que tapão os olhos por não verem as preciosidades do seu paiz, gabando em extremo tudo o que he alhejo; ou outros que ainda o contão entre as Naçoens barbaras e salvagens.

No reynado, amigo do coração do Senhor Rey D. Jose o 1.º Pay das Letras, vimos brotar sim muita pedantaria, mas este mesmo tempo resuscitou o bom gosto, apparecerão muitos engenhos sublimes, que trabalhando por sacudir animosamente o jugo do fanatismo, do Peripato, do ranço, acolherão todos aquelles estudos, as

bellas letras, as *Physicas* e as *Mathematicas* que erão contadas e reputadas pelos nossos antigos entusiastas, como a *Astrologia*, *Feitiçaria* e *Heresia*. Que lhe direi da famosa *Arcadia* em, que huns poucos de homens que por curiosidade se ajuntarão e a disporão de maneira que cresceu com tão areigadas raizes que brotou copiozo fruto da boa literatura. Innundava a Portugal hũa aluvião de Romanes, Anagramas, Sonetos, Acrosticos, Sylvas, Epigramas, ditos subtis e adivinatorios e outros generos de Poesia tudo absorvido do gosto Hespanhol. Tudo se estancou com a união destes homens. A lingua, a magestosa *Lingua Portugueza* se tinha de todo conrompido; porque aquelles que nenhuma outra mais sabião, fallavão aquella que no berço havião bebido junto com o leite de amas rusticas e ignorantes e nos primeiros rudimentos de Mestres, que não tendo quem os fizesse quadrilheiros, por pintar bonita letra, estão francamente ensinando a lingua, os principios da Relligião e a Civilidade. Que discipulos não sahirão de taes Profeçores? Os outros manchavão-na mesclandoa com huma louca e vaydoza ostentação de palauvras novas, introduzidas na nossa lingua sem necessidade e contra as sabias regras que os nossos bons Mestres cuidadoza e escrupulozamente nos derão. Outros porem caprichando lição Portugueza recomendarão de tal sorte a lingua buscando palavras mais antigas para asoalhar erudição. Os escritos dos seus socios mostrarão o verdadeiro uzo da lingua. Ora as suas obras, tanto em verso, amigo do coração, como em proza tem este condão. Nellas se encontra a lingua pura, sem novidade, nem ostentação.

Como pois me dá a liberdade de lhe comunicar os meus sentimentos, fallese a respeito da *Oração da Abertura* da nossa utilissima e sabia *Academia*; e lembrandome de que nenhum homem se deve escandalizar de que lhe critiquem os seus defeitos literarios e a critica he aquella que pulle e adelgassa os talentos dos homens; por esta cauza o *Author* da *Oração* não deve levar a mal, que se reflexione sobre ella. A critica e a mesma *Satyra* forão estimadas não só de homens sabios e desabuzados, porem ainda de Imperadores revoltosos e desatinados que socegradamente as ouvião, lião e muitas vezes executavão o que ellas lhes ensinavão. Assim deve obrar qualquer homem de bem que quizer seguir o que he bom e livrarse dos erros em que possa cahir. O amor proprio ceganos, com a critica e a *Satyra* [se] tem aperfeiçoado as sciencias. Vamos a *Oração*. Sabe o mundo todo que huma *Oração Academica* de *Abertura* pertence ao genero *Deliberativo* em que o orador deve persuadir aos seus socios se apliquem desveladamente à conservação, estudo e applicação àquellas sciencias que fazem o objecto da *Academia*; os argumentos com que se provem estas utilidades devem ser

tirados da razão, que todos naturalmente tem, para desabuzar e ensinar aos outros o que elles não sabem; do exemplo e emulação de outras Academias, que fizerão o mesmo, e emquanto a houver do Paiz em que se ora, escuzase buscalo de fora. Mais força fazem as provas tiradas de Nos mesmos do que dos outros. Neste genero os exemplos são a mayor fortaleza da persuasão. Refutar algumas objecçoens contrarias que se possão opor ao mesmo Estabelecimento e por ultimo augmentar e engrandecer as razoens allegadas, valendose de figuras fortes e sublimes para tocar o ouvinte e entranhar-lhas dentro do seu coração os mesmos sentimentos da applicação. Esta he a doutrina de Cicero, Aristoteles e Quintiliano quando fallão das causas pertencentes ao genero deliberativo. E que outra couza he huma Oração de Abertura?

Nesta qualidade de discursos não há exordio porque o ouvinte ja sabe a materia de que se trata, porem muitas vezes se uza delle, ou tirado de si ou dos outros que contradizem o que se intenta; ou para que o que se diz se não tome em peor estado, ou muitas vezes por ornato, para que o discurso seja melhor; pois não era justo que se entrasse em hum genero de discurso arreatadamente declamando, em cujo erro cahio Gorgias no seu Panegirico pelos Elienses, exordiando sem alguma preparação: Oh Elis, cidade desditosa etc. do que se ve que o orador neste genero, não deve principiar ex abrupto. Aristoteles, Livro 3, Quintiliano Livro 3 cap. 8. No Judicial ha esta liberdade porque aqui lhe são proprias as Oraçoens de Investivas, Objurgatorias, Expotulatorias, Exprobatorias e Deprecatorias, a cuja clase de nenhum modo pertence huma Oração de Abertura.

Tomara que me dissesse o Autor da dita Oração como lhe lembrou principiar hum Discurso com hum exordio tirado das invectivas com que os estranhos nos costumão (segundo elle diz) redicularizar! Porventura este motivo será capaz de nos animar a estudar; ou a dezesperar? Pois havemos de nos aplicar às sciencias por ellas serem uteis, e necessarias, ou porque dizem que nos não sabemos? Quando queremos por exemplo persuadir a hum homem que ame a virtude havemos de lhe expor à face o máo conceito que fazem delle os outros? Isto seria a cauza de o irritar. He preciso persuadilo que quanto a causa de si he honesta, e boa, quanto quem a possuir será bom e excellente. E poderemos aplicar esta doutrina ao Exordio do Author da Oração? Aqui não ha nenhuma invenção, não ha eloquencia, nem lingua; huma fraze baixa e rasteira. O pensamento he mentirozo, porque elle mesmo o declara na mesma oração. Demais he viciozo o Exordio, porque nelle nam se fas atento, benevolo e docil ao ouvinte, mas mostra hum animo

maligno, soberbo para com os Estrangeiros, vícios que Quintiliano aponta como indignos. He cumprido o Exordio, nelle introduz huma prosopopeya contra o preceito, aonde o Orador mais se quiz gabar a si do que fazer valer a nossa reputação.

Não me dirá o Author como pode conciliar estas invectivas que contra Nós ouvio feitas pelos Estrangeiros, quando elle mesmo confesa na sua Oração que elles *admirão, louvão, respeitão, citão e imitão os nossos Authores?* Para exemplo desta proposição elle cita o *nosso Camões imitado pelo Tasso*, e outros de que faz larga narração. Como podia o Autor ouvir dizer mal de Nos, quando ha trinta anos a Europa toda nos olhava com respeito e admiração pelos bellissimos Planos de Estudos que vio sahir de Portugal? Não leo nunca a Gazeta Ecclesiastica, onde tem os mayores Elogios aos Estatutos da Universidade de Coimbra. Não leo o Correjo da Europa quando suspeitavão sem razão os Estrangeiros que desmanchavamos as Fabricas e o Elogio que nos faz pelas termos admitido? Não teve quem lhe dissesse que muitos Estrangeiros homens doutos e Fidalgos, depois de fundada a nossa Universidade, vierão de proposito vella e ouvir as suas acçoens publicas? Quem disse ao Autor da Oração que o Senhor Rey D. Joze approvou particularmente o projecto da Academia? Não se recorda da nossa Arcadia que foi unida e continuada por muitos annos? Isto não succedeo no Reinado do Senhor Rey D. Affonso Henriques, foi no Reynado em que este orador não achou nada. Foi acazo no principio da Monarchia que os doutissimos e desabuzados P.P. Congregados do Oratorio resuscitarão a moderna Philosophia e gosto das letras? Acazo os Estrangeiros são tão pouco curiosos, como o dito Author, que não lessem, nem subessem todos os debates que houve entre elles e os que seguião o partido contrario? Não lerão Tratados de Estudos que naquelle tempo apparecerão? Não virão que o Senhor Rey D. João o 5.º de saudoza memoria promulgou leys utilissimas a favor das letras, quiz estabelecimentos e formou huma Academia? Estas couzas forão feitas no Sertão da America? Ou do Estrangeiro não vião e sabião tudo isto? Como podião pois clamar contra Nós?

No reynado passado não se dezenterarão os nossos Autores Portugueses? Não passou a vontade da lição Portugueza a huma especie de moda? Não vimos leys utilissimas a favor da Agricultura e do Comercio? Não vimos Fabricas levantadas? Collegios para Nobres e para homens de bem, como o de Mafra e dos Nobres? Não vimos Aulas de todas as qualidades de Artes e de Sciencias? Do risco, desenho, Escultura e Pintura? Quero agora conceder ao Autor que ellas não estivessem na sua solida perfeição, não fazia isto estrondo aos vezinhos? Não dava a entender que a Nação tinha outras luzes

muy diversas das que o Orador lhe faz dizer? Isto ouvi eu dizer a muitos Estrangeiros. Que introdução não tiverão as linguas Orientais e do Norte? Havião rapazes que sabião grego, assim como se pode saber gramatica latina. Se não houve huma Academia formal, he porque não tivemos hum Portuguez que cuidadoza e desveladamente se entranhou a ajuntar esta corporação, qual he o Ex.<sup>mo</sup> Sabio e Patriota Presidente, mas nem por esta cauza se deve dizer que aonde não ha Academia se não sabe.

Não me dira que quer o Autor dizer em nos provar tão frouxa e friamente os principios do Estabelecimento das Academias? Que necessidade tinha o Autor em nos mostrar a precisão da Academia tirando o argumento da similhaça de muita gente unida, que he capaz de emprehender grandes acçoens? Por ventura as Academias querem homens ou cabeças de homens? Seirão poucos, porém bons. De mais ha as vezes algumas couzas que ainda que os homens delibrem sobre a sua utilidade, nada disto valle se acazo não se interessa a cabeça da Nação. Que importa que huma Academia mostre a utilidade do Comercio, da Agricultura, das Manufacturas, se a Nação, se o Rey não zella, nem cuida della? Estes tratados so se devem praticar na prezença do Rey e dos Ministros de Estado. Que importa que haja hum corpo unido e que pense, se a execução dos seus projectos não depende so da sua pena, ou cabeça.

Não sey tão bem porque preceito uzou da similhaça tirada do lavrador que custozamente arrancou o tal penhasco. Tal similhaça he boa para hum Romance e não para hum discurso serio. He bem certo que ellas aclarão, e ornão a Oração, mas sendo baixas e frias desornão todo o discurso e o cauzão fastidioso. Tomara tão bem, amigo do coração, que me dissesse este Orador, a que fim vem o exemplo do Canal de Languedock? Porventura o Orador ou a nossa Academia vinha a propor navegações descobertas? Ainda que o seu objecto são Artes, Sciencias, Projectos, etc, com tudo isto se deve tratar de passagem, porque depois de unidos huns poucos de homens para tratarem destas materias não devemos persuadilos com excrupulos arrancados tão circunstanciadamente e com huma expressão tão rasteira, de maneira que toda esta parte da sua Oração, eu não sej o que lhe chame, se narração, se provas, se confutação dos contrarios argumentos. He na verdade huma mistura de palavras sem sentido.

De que valle o exemplo do que devem as Nações estranhas às Academias? Aqui ha falta de Historia; porque sim devem as Sciencias muito as Academias, mas as Artes liberaes, estas devem o seu augmento ao Ministerio, à Policia e bom governo dos Principes e seus Ministros, porque a execução dellas mais depende do Governo

do que dos Escriptos. Que importou a Alexandre de Gusmão de gritar muitas vezes que as Fabricas erão uteis? Conseguiu o fazellas em os seus escritos? De que montarão as reflexões de D. Luis da Cunha, persuadindonos huma boa Policia? Alcançou algum fructo das suas pregações? De que valerão tantas satyras feitas por Luiz Antonio Verney, contra os máos methodos de Portugal? Custou immenso a attinar este bom gosto sem a ajuda do Ministerio.

Todos Nós que sabemos a Historia conhecemos os motivos. Em Portugal e em todos os Reynados tivemos grandes homens. Ainda mesmo nos desgraçados tempos da nossa falta geral de instrução, houverão muitos homens que se dezabusarão e seguirão os bons methodos.

Tão bem não sey a que vem na Oração aquella invectiva feita a Nação? Quem disse a este Orador que os Portuguezes mormuravão da Academia? Se elles mormorassem da Academia, não se ajuntarião livremente a estabelecerem a Arcadia. So se julga as invectivas de alguém do povo por vozes de Sabios. De que gente se completou o numero das Academias? São Castelhanos ou Alemans? Não sey porque figura elle introduz aqui estas objecções? Este Orador ainda não conheceo a Nação. Muito lhe deve o resto dos homens sabios, que não entrou na Academia, que o acha só capaz de imitar as modas dos Estrangeiros.

Ora, amigo do coração, quem lembraria a este Orador que tratasse em hua Oração de Abertura, de merecimentos, de traducções de Camoens, para injuriar na propria face a hum Estrangeiro, que ainda que o não traduzisse bem, com tudo sempre lhe devemos agradecer o animar-se a verter para a sua lingua hum Escriptor nosso. De mais o ar, a expressão com que figuradamente falla della, não quer tanto formar juizo della, como dezacreditar o pobre Inglez. Todas as passagens que se seguem a estes dicerios, sim são boas, porque prova com os nossos Escriptores qual tem sido o gosto, a critica e a sciencia que cá tivemos e fomos mostrar aos outros, quando elles publicamente ensinarão nas Universidades da Europa; mas o methodo com que os trata, a lingoagem de que uza, e os baixos pensamentos que tem, fazem toda esta parte do discurso indigna de huma Oração Academica.

Pobres Fidalgos, Academicos Honorarios, como se vem honrados pelc Orador! Ei-los semelhantes aos espantalhos de figueira para asustarem com a sua sombra os passaros para que não fiquem e comão os figos. Assim he a tal comparação de que uza. Ora isto parece-me obra de principiante e não de Orador consumado.

Era de admirar que o Governo passado não levase a sua cutilada; para elle se poder descobrir e fallar de si a vontade e cor

bazofia e mostrar-nos que esteve occulto estudando para sahir com esta e outras producçoens que custa a crer que são de hum homem de quem em outro tempo se fazia tanto apreço. Nesta passagem que devia ser a peroração do discurso, ha falta de noticia, porque neste tempo se quiz arruinar a sciencia, o que he tudo contrario, pois neste tempo tanto se caprichava estudar e saber que os cordatos e que solidamente estudavão conseguião a perfeição; os outros que só querião alcançar o nome de doutos apparecerão pedantes.

Quando ha muito pedante he o melhor sinal de que se lê e se estuda, de que a Nação esta illuminada. Quando os não ha ninguem estuda, pois não ha emulação e o desejo de apparecer entre os que estudão radicalmente tão bem como sabios. Toda esta passagem repetida em hua Nação barbara teria seu logar, mas em Portugal nos fins do seculo decimo oitavo, he erro, e grande erro.

Não sey se tenho cumprido em formar huma Analyse da Oração da Abertura da Academia, mas como isto he só para Nos, creyo que me tem entendido e ao mesmo tempo conhecido todo o arteficio rethorico della. Ora não ha pois miseria que este respeitavel sabio e meritissimo corpo de Sabios que tanto se esmerou em augmentar as Artes e as Sciencias deputase hum homem para orar no dia da sua publica Aparição de hum modo que he injurioso a Nação, a Academia e a Si? Que dirão os Estrangeiros agora com este escrito? Este he o vosso orador? Assim he que abriz hum ajuntamento de homens? He esta a persuazão com que dezafiaes aos outros para que estudem, se apliquem e gostem das sciencias? Que taes serão os Companheiros quando vós determinaes este para orar como o melhor? E não tem razão, amigo do coração, de dizerem estas e outras mais pezadas invectivas contra elle e contra a Academia? Mas conheção as estranhas Naçoens que Nós não pensamos assim, confeçamos que nos enganamos com muitos homens. O corpo da Academia com o seu Excellentissimo, Sabio e dezabusado Presidente, sentem amargamente este successo; ficarão consternados de similhante Oração: Melhor era ao Orador o publicala emendada, ou outra, que assim ao menos deixava em duvida a muita gente.

Amigo do coração, desculpe os meus erros e so receba esta como testemunho de hum animo agradecido e conhecedor dos seus avultados merecimentos e da sua honra: continue a estudar e a comunicar os homens sabios, assim como o tem athe agora praticado, que dara gloria aos seus amigos, honra a Patria, emulação aos invejosos: esperando juntamente comigo as eruditas producçoens

desta Academia para desbastar-mos os nossos entendimentos, aclarar-mos os juízos e aprender-mos o que não souber-mos. Dezejarei a sua saúde para contentamento meu, como quem he e sera seu

Amigo muito venerador do coração  
*Emilio Lucio Crespo.*

Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Ponta Delgada, *Fundo Ernesto do Canto*, ms. n.º 161.

Esta versão transcrita é menos completa do que a que é oferecida pelo ms. n.º 1504, da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Neste último, no oitavo parágrafo, há uma passagem importante, de vincado cariz político, que foi suprimida pelo copista do ms. do Fundo Ernesto do Canto ou pelo que lhe serviu de modelo. Por que razão? Ignoramo-lo. Mas não será demasiado arriscado supor que isso se deveu às mudanças impressas ao governo português após a morte de D. José e também, possivelmente, à relutância do copista em fornecer aos leitores uma concepção de governo tão férrea como a que aí se defendia. Por essa razão parece-nos útil transcrever a parte do texto amputada no ms. de Ponta Delgada. Ei-la:

«Ate tão bem porque naquelle seculo se temia com alguma razão de ajuntamentos que principiando talvez por hum soneto acabase em conventiculos, dirigidos ao Governo Politico do Estado, o que a nenhum vassalo he permitido falar. Deve adorar todas as decizoens do trono, executalas cegamente, não disputar sobre a bondade ou maldade dellas. Os Reis são os substitutos do Altissimo, são os seus Deozes na terra e assim como contra Deus he hum grande atentado e impiedade falar ou querer entender sobre a sua providencia; do mesmo modo no governo politico da terra para com os Reis. Devemos sempre falar bem delles, não consentir que delles alguém trate com menos preço, aumentar o credito da Nação que elles mandão, fazer valer mais o que he nosso, para lhe fazer o seu nome respeitado, temido e venerado não só dos nossos, como dos Estranhos. Quem sabe se o mau costume que nos seculos ignorantes de Portugal havia de se satirizar o sistema Politico, fizesse temer estes ajuntamentos? O que não succedeu na Arcadia. Ora por

esta cauza se não deve dizer que aonde não ha Academia senão sabe. A queda desta bellissima Arcadia deve-se a huma intriga particular, procedida d'emulação literaria e talvez com zelo farizaico se buscasse alguma falsidade, para arruinar hum estabelecimento que se naquelle o Ministerio o bafejasse, hoje estaria com huns aumentos que acreditaria a Portugal, bem se vio o seo bom principio».

C A R T A

*Escrita a hum amigo dandolhe conta do que observou  
na Academia das Sciencias, na tarde de 18 de Outubro  
de 1780.*

Senhor \* \* \*

Meu Amigo e Senhor. V. M. me pede que lhe comunique o que observei na Academia das Sciencias a que assisti na tarde de 18 do corrente, pois o terlhe repetido hum ataque da gota lhe embaraçara o hir aproveitar-se como eu. Sinto a molestia de V. M. e igualmente sinto não poder completamente satisfazello na noticia que dezeja, porque aquella função me fez dores de cabeça, que ainda durão. Ainda assim em poucas palavras direi a V. M. o que pude comprehender, sem fallar no material da caza e concurso.

Parece-me muito bem a Oração de Abertura e he desgraça que o Fidalgo que a recitou não seja Presidente de outra Assembleia, onde os seus talentos poderião ser mais uteis ao Estado.

Seguiu-se huma Disserção da Historia Universal que me fastiou, porque aquella materia se acha mil vezes escripta e ou em menos ou em mais palavras todos dizem o mesmo. O seu Author fez promessas que não dezempenhou e grangeou poucos creditos na sua compilação.

Depois sahio a publico outra leitura de Mathematica que cuidio que todos entenderão tanto como os Mouros, que ali se acharão. Isto não pode deminuir o credito e o merecimento do seu Author, se acaso o tem naquella descoberta em que se publicou o primeiro e seria huma injustiça o condenalo pela ignorancia dos mais; porem o fallar a lingua Grega onde se não entende he indiscrição. Quero supor que ali se achasem doze ou vinte Methamaticos (sic), entre quatro centas pessoas que concorrerão: e por isso seria justo que

para satisfazer aquelles se causticassem os mais? Similhantes obras não se costumão ler nas Assembleas publicas: o que se faz he dar dellas huma succinta idéa que deleite e que convide a buscallas quando sahirem da imprensa. Todas as couzas devem ter fim util e honesto: Quanto ao util tomara que me disessem que instrucção se pode tirar de ouvir hum papel similhante, sem tempo de reflectilo! e que gloria consegue em similhantes termos o seu Escriptor? Quanto ao honesto perguntara igualmente se he conforme as leys da Policia abuzar da paciencia de tantas pessoas de bem, obrigandoas a ouvir coizas que nem as recreyão, nem as utilizão?

As Academias sim se fizerão para producçoens literarias de todo o genero, porem nas conferencias particulares que ha entre os socios he que se propoem os papeis; ali se castigão, ali se trata da falta e do superfluo; ali se sujeitão aos votos dos censores, sem os quaes tudo são abortos da liberdade e do amor proprio e ali se permite a licença do que se hade ler em publico. Sem esta sogeição não ha sociedade perfeita! Onde todos dispoem a seu arbitrio precisamente hade haver dezordem. Na Academia das Sciencias de Lisboa, sim ha hum Chefe respeitavel e erudito; sim ha muitos socios benemeritos e outros que o não são; mas como as vistas da primeira cadeira são todas politicas, talvez conhecendo o genio da Nação, em quanto senão formarem novas Leys, não espero progressos vantajosos, antes pelo contrario producções que nos envergonhem, porque todos hãode querer sahir com o seu papelinho, ainda que o pessão emprestado, por se não reputarem figuras mudas naquelle theatero e considere V. M. o que da li sahirá! Quantas vezes lhe farão tornar a falla ao corpo!

Vejo finalmente huma Dissertação sobre a utilidade dos bosques que não fez novidade alguma, porque bem sabe V. M. o que ex professo se tem escrito neste assumpto; mas não dezagradou, porque menos bastaria para adoçar o ouvido da deszesparação em que o tinham posto o papel Mathematico athe nos baixos e dissonancias do Orgão, capaz de dezanimar a composição mais armonioza e espirituosa.

Entrou tão bem no concurso Academico por modo de maquina huma invenção de formar abobedas direitas, sem dependencias de Arcos: Eu que tinha lido os Tractados que ha desta Architectura ri-me da novidade, mas louvei ao Clerigo que fallou sobre ella; o trabalho que tomou de formar os tijollos de gesso para a sua demonstração, que foi instantanea.

Acabouse com isto a conferencia de que ja disse sahi com grandes dores de cabeça e ouvi queixar a muitos do mesmo, porque os taes dous papelinhos matarão gente: e que dirão aquelles

Senhores se me ouvissessem? Dirião que elles fallão para os Sabios e não para os ignorantes como eu: que isto he ter espirito de mordacidade: que elles não necessitão de aplauzo popular, porque as suas marchas se encaminhão ao Templo de Minerva, onde hão de receber todo o culto que lhes he devido. Que nos Paizes cultos e civilizados se pratica o que elles fazem e que o tempo lhes formará nos vindouros toda a gloria de que agora prescindem. Deos os faça Santos, que isso julgo eu mais facil que sabios pelo caminho que levão, mas daquella massa se fazem e pode succeder que a custa de muitas cabeças quebradas saja huma que sirva para modello: o que eu seguro a V. M. he que ali ha muitos homens capazes de deixar nome, se lhes abrirem caminho. As tenções do seu chefe são admiraveis: elle trabalha quanto lhe he possivel pela honra da Patria, he capaz de o fazer per si só no primeiro Minysterio do Reyno, oxalá que nos o vejamos, e que V. M. tenha as melhoras que lhe dezeja

Seu Condiscipulo e amigo

\* \* \*

*Idem, ibidem.*